



## **MEU CORPO, MEU MUNDO: NOÇÕES ESPACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Rayffi Gumercindo Pereira de Souza

*Universidade Federal de Campina Grande – rayffi.ufcg@gmail.com*

### **RESUMO**

Este artigo relata uma experiência de estágio em Educação infantil. E Está direcionado fundamentalmente, para a explanação de como se deu esta experiência no que se refere aos caminhos e olhares escolhidos durante os períodos de observação e análises, bem como no que diz respeito aos teóricos que tiveram suas ideias e conceitos utilizados como norteadores da fundamentação teórica durante todo o processo que envolve o estágio, desde a elaboração da proposta do projeto de pesquisa, até a conclusão do relatório de estágio. Dentre estes teóricos destacam-se as perspectivas de Castrogiovanni (2009) e Almeida (2014). É importante considerar que a experiência de estágio relatada, é resultado da disciplina Pesquisa Educacional II, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Durante esta disciplina, foi elaborado um projeto de pesquisa voltado para a temática: “Meu corpo, meu mundo: noções espaciais na educação infantil”, sob a orientação da professora Dr. Graça de Oliveira. Este projeto de pesquisa foi o percussor e orientador das atividades que foram pensadas, planejadas, executadas e culminadas no Estágio Supervisionado II, realizado na fase escolar, denominada de Educação Infantil. A temática escolhida está diretamente ligada à disciplina de Geografia, e este artigo bem demonstra que a experiência realizada durante o estágio, objetivou isto, verificar como as crianças de uma creche e pré-escola municipal na cidade de Campina Grande, constroem as noções espaciais, considerando os aspectos que dão base a uma perspectiva pedagógica na qual a criança seja livre e isenta de cobranças, no que se refere a resultados precisos ou pré-definidos.

Palavras-chave: Corpo. Noções espaciais. Educação Infantil. Estágio.



## INTRODUÇÃO

O tema escolhido, e a peculiaridade da relação do mesmo com a disciplina de Geografia, são na verdade, uma forma de reconhecer a importância desta ciência para a formação humana, social e política de cada sujeito que passa pela escola e, pela vida. Além disto, é importante enfatizar que esta disciplina possui um vasto referencial teórico capaz de despertar nos estudantes de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, a capacidade de absorver sua potencialidade enquanto instrumento teórico libertador, emancipador e essencial, uma vez que a mesma permite contemplar e alcançar a criticidade equilibrada e sadia diante de alguns fatos, lugares e acontecimentos da nossa sociedade e do mundo, seja eles móveis ou imóveis. A geografia está inegavelmente interligada as nossas vidas pessoais e presente no nosso cotidiano. Em várias ocasiões e de diversas formas esta ciência se apresenta diante de nós, seja para nos localizarmos, nos deslocarmos, compreendermos o tempo, os lugares, os espaços etc. Desse modo, pode-se perceber o quanto é interessante e importante o estímulo da construção de noções espaciais na escola com as crianças, desde a educação infantil. Sobre isso, destaca os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs),

o estudo de Geografia possibilita, aos alunos, a compreensão de sua oposição no conjunto das relações da sociedade com a natureza; como e por que suas ações individuais ou coletivas, em relação aos valores humanos ou à natureza que tem consequência – tanto para a sociedade. Permite conhecer e compreender as diferentes relações que são estabelecidas na construção do espaço geográfico no qual se encontram inseridas, tanto em nível local como mundial (BRASIL 2001, p. 113).

A partir desta visão podemos considerar que, o estudo da Geografia é importante pois, proporciona às crianças, conhecerem sobre os lugares em que vivem, passando a serem inclusive capazes de fazer analogias com outros lugares, uma vez que elas vivem basicamente no ambiente familiar e escolar. E com isso vem a importância de se trabalhar as noções espaciais na educação infantil. Segundo Castrogiovanni (2009, p. 14), o espaço apresenta-se para a criança, do nascer aos dois anos, mais ou menos, como sendo o espaço da ação.

A alfabetização espacial deve ser estendida a construção de noções básicas de localização, organização, representação e compreensão da estrutura do espaço elaboradas dinamicamente pelas sociedades, afirma Castrogiovanni (2009, p.11). A partir disso podemos compreender e apreender a grande relevância de se trabalhar noções espaciais na educação infantil para a vida de cada criança, uma vez que a cognição é inevitavelmente beneficiada, e com



isso muitos outros benefícios a criança receberá, como possuir condições necessárias para compreender assuntos mais complexos quando estiver nas fases escolares posteriores. E além disso, na própria fase da educação infantil a criança recebe muitos benefícios, pois, segundo Castrogiovanni (2009, p. 20) a etapa do espaço vivido, é exatamente o lugar onde a criança só vive, é o estágio do “aqui”, por meio de movimentos e de sua locomoção ela experimenta e vivencia o mundo. Noções de espaço estão presentes numa brincadeira, num passeio, quando a criança corre. O “aqui” é experienciado e vivido de maneira singular, a qual só elas sabem fazer.

## **OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa proposta, de natureza qualitativa, foi norteada por observações, notas de campo e intervenções em salas de aula, a partir dos estudos realizados sobre as noções de espacialidades na Educação Infantil.

### **O ESTÁGIO**

A indagação que orientou a intervenção no estágio foi a seguinte: como as crianças de uma creche e pré-escola municipal na cidade de Campina Grande, constroem as noções espaciais a partir das mediações da professora? O intuito principal, foi ouvir as crianças, observá-las e analisar como elas as crianças de uma Creche e Pré-escola municipal na cidade de Campina Grande, se relacionam com os diversos espaços nos quais estão inseridas e, como elas constroem as noções espaciais a partir dessas relações e também mediante atividades realizadas na creche. Além disso, também buscou-se identificar se a professora trabalha noções espaciais com as crianças e se sim, observar de que forma esta acontece, e por fim, realizar atividades que contribuam para o desenvolvimento prático das noções espaciais por parte das crianças.

No estágio em Educação Infantil, foi possível experienciar um ambiente que condiz ou se aproxima da realidade na qual os pedagogos ativos realizam seus trabalhos na sua vida real, e que possui um misto de relações e acontecimentos que só a realidade prática da dinâmica de uma escola, possui. O acolhimento por parte dos funcionários, diretora, professoras e claro, as crianças foi extremamente cuidadoso e respeitador. Foi possível perceber que, no que diz respeito a estrutura física de creche, há um zelo muito notável e presente no cotidiano da instituição, como também uma estrutura de certo modo ampla e limpa sempre. Na sala de aula, as carteiras, cadeiras, mesa, armários, quadro, paredes, piso, janelas, portas, eram de boa qualidade, tinham aspecto de novo e eram sempre bem zelados. A sala não possuía um clima nem quente demais ou frio, mas era agradável. Às 7h00 crianças ao chegavam na creche e



eram direcionadas para sua sala. A turma acompanhada foi do Pré-I, composta por crianças de 3 à 5 anos de idade. Quando chegavam na sala, passavam por um momento de socialização do que sempre levavam para a escola, as vezes brinquedos ou algum aparato pessoal que trazia de casa, como fraldas, lanches, etc, durante cerca de 20 minutos conversavam entre si, e com a professora sobre assuntos pessoais e aleatórios. Cerca de 7h30min a professora saudava a todas as crianças com um bom dia coletivo, em seguida rezavam e depois cantavam algumas músicas, as crianças escolhiam as músicas que queriam cantar, com direito a bater palmas. Logo após isso, a professora perguntava as crianças qual era o dia da semana, o dia do mês e o ano em que elas estavam e, depois o nome da creche e quantas crianças haviam faltado, e os nomes delas. Todas essas informações ela colocava por escrito no quadro, especificando e mostrando cada uma delas para as crianças. Às 8h30min as crianças formavam uma fila na sala de aula ainda, e seguiam para o refeitório da creche, onde iam tomar o café da manhã. Nesse momento, a professora direcionava as crianças para o lugar certo e cada uma delas com suas próprias mãos pegavam o seu alimento e colocava no prato, elas se serviam. Após tomarem café, às 9h00 as crianças retornavam para a sala de aula e cada uma delas ia por vez até a mesa da professora escrever o seu nome numa folha de papel ofício. Após esse processo geralmente a professora contava alguma história de Literatura Infantil para as crianças, e as 9h30min as crianças formavam outra fila na sala de aula, e seguiam para o pátio onde iam ter um período de cerca de 20 ou 25 minutos de recreio. Cerca de 10h00 as crianças saiam do pátio, lavavam as mãos e retornavam para a sala de aula, onde elas recebiam alguma atividade da professora, às vezes pintura, outras vezes massinha, jogos, ou ainda seguiam para um espaço reservado da creche onde há uma televisão e alguns DVDs, nesse espaço as crianças assistiam mídias e filmes infantis. Às 10h30min as crianças retornavam para o refeitório, onde almoçavam e em seguida às 11h elas eram liberadas, cada pai ou responsável levava sua criança.

Os sentimentos que se fizeram presentes no processo de estágio por nossa parte, os pesquisadores, eram muito notórios, o receio de conhecer um lugar novo, o medo de não conseguir intervir de maneira minimamente interessante, a preocupação em pensar como ia se dar a recepção por parte da professora, das crianças e dos demais funcionários da creche. Porém, também havia um enorme desejo de superação, de fazer o melhor da maneira mais afinsa possível, de aprender com todos, de experienciar um ambiente que na universidade é tão falado, de se relacionar com os pequeninos, além da vontade imensa de observar e analisar tudo o que fosse acontecer com o intuito de obter as respostas para as perguntas que objetivaram o estágio mediante o projeto de pesquisa produzido anteriormente. Foi possível notar o quão capaz são as crianças, no sentido de saber serem afetuosas, respeitadoras, amáveis, traquinas, energizantes, cheias de desejos, dinâmicas, diferentes, felizes e puras.



## INTERVENÇÕES E RESULTADOS

Durante o período de intervenção em sala de aula juntamente com as crianças oportunizamos para elas, dois convites para que produzissem mapas mentais, um de suas casas e o outro da sala de aula. As duas experiências foram muito relevantes e surpreendentes, uma vez que observamos cada criança, ouvindo seus comentários sobre os seus mapas mentais. No mapa mental da casa, por exemplo, é perceptível a capacidade que as crianças possuem de representar suas construções de noções espaciais, uma vez que muitas expressavam a relação das suas casas com a casa dos vizinhos, trabalhando assim a prática da vizinhança, a analogia familiar com os objetos de suas residências, além da relação com a natureza, como podem ver nas figuras 1 e 2.

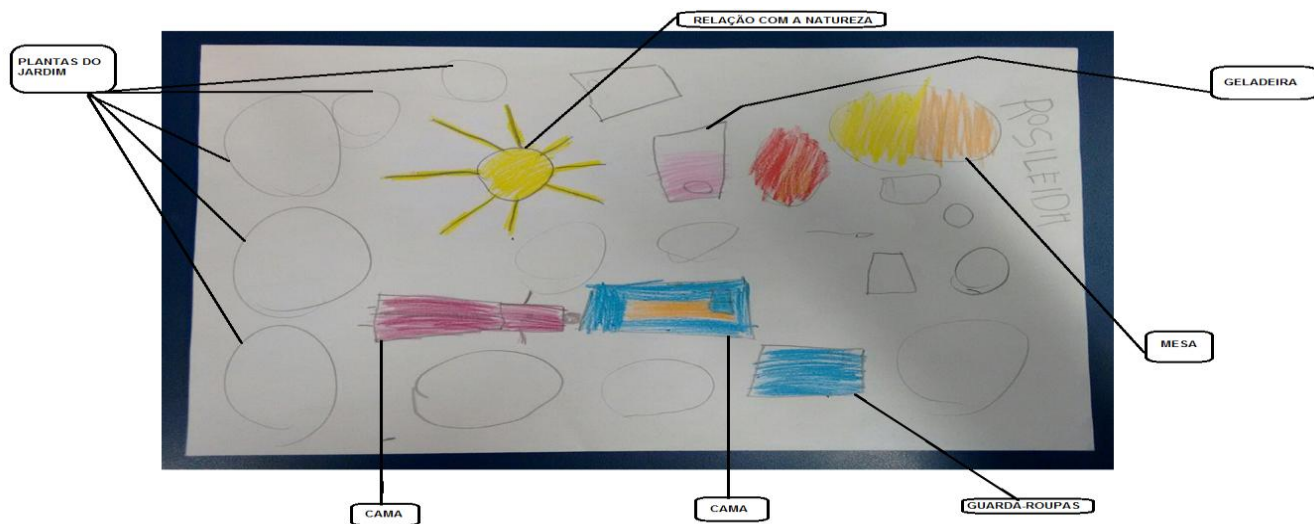


Figura 1



Figura 2





Os mapas mentais mobilizaram os pensamentos das crianças para buscar meios de desenhar suas casas, não de uma maneira que apenas elas entendessem, mas ao modo delas expressavam imagens que outras pessoas pudessem conhecer as suas casas mediante aquelas representações. Além disso elas interpretaram os desenhos, traduzindo suas formas, seus riscos e enigmas para o leitor curioso. Tudo ocorreu de maneira leve, livre, de modo verdadeiramente infantil. De acordo com Almeida,

os mapas das crianças trazem elementos do pensamento infantil, são representações de seu modo de pensar o espaço, as quais persistem mesmo que, na escola, as crianças tenham entrado em contato com conteúdos relativos aos “mapas dos adultos”. Conhecer como as crianças percebem e representam o espaço pode auxiliar muito o trabalho docente. Especialmente na preparação de atividades de ensino que contribuam para a aquisição gradativa de diferentes modos de representação espacial, cada vez mais próximos daqueles dos adultos”. (ALMEIDA 2014, p. 11).

Diante dessas afirmações podemos compreender o quão importante é dar voz as crianças no processo de desenvolvimento cognitivo de suas construções de noções espaciais, e considerar essas vozes, valorizando e contribuindo cada vez mais para que as percepções infantis sejam a cada dia mais moldadas e conseqüentemente melhores representadas.

Outra atividade trabalhada durante o período de intervenção do estágio em Educação Infantil, foi o circuito geográfico, que consistiu em um conjunto de objetos que reunidos formaram um pequeno trajeto no qual as crianças puderam explorar suas percepções espaciais no que se refere a localização e orientação. O circuito foi constituído basicamente de uma corda grossa no chão esticada, uma carteira escolar (mesinha) e, duas cadeiras pequenas. Durante o percurso cada criança teria que de maneira espontânea e divertida, passar inicialmente por cima da corda, em seguida por baixo da carteira, depois do lado direito da primeira cadeira posicionada e, por fim do lado esquerdo da segunda cadeira.





Figura 3

Nessa atividade foram exploradas diversas categorias que contribuem para o desenvolvimento cognitivo das crianças, como por exemplo, as relações em cima/ em baixo e lado direito e lado esquerdo. Além disso, conversamos também sobre onde era o início, o meio e o final da corda, e também do circuito por inteiro. Desse modo, buscamos desenvolver a compreensão de ordem e continuidade espacial junto as crianças. Essas categorias acima apresentadas constituem a apreensão de técnicas importantíssimas para um procedimento fundamental para a localização dos lugares, que é a orientação. De acordo com Castrogiovanni (2012, p. 36), “orientar-se é ir a procura do oriente, lugar onde o sol nasce (Leste). No sentido geográfico é o mesmo que rumo ou direção [...], estabelece pontos diferenciais para que os elementos formadores do espaço possam ser situados, encontrados facilmente”. Dessa maneira, podemos concluir que a atividade “circuito geográfico” tem grande valia no sentido de familiarizar as crianças sobre qual direção tomar, onde se quer chegar, como se deve caminhar, etc.

Também foi possibilitado às crianças a oportunidade de realizar uma simples pintura de um personagem folclórico o “Curupira”. Nesta atividade, houve uma conversa com as crianças antes de entregar para elas a folha de ofício na qual estavam impressos os desenhos. O seguinte comando foi dado, que cada criança poderia pintar o desenho da maneira que quisesse no que se refere ao uso de cores, porém, elas iriam tentar não ultrapassar o limite da linha que contornava externamente o desenho. O intuito da atividade foi de desenvolver nas a habilidade de limite espacial.



No geral, a maioria das crianças conseguiu pintar o desenho respeitando os limites externos do contorno do desenho, porém alguns ainda não conseguiam ter habilidade motora para assim o fazer, o que foi extremamente respeitado.

Também foi desenvolvido com as crianças outro tipo de mapa que, de maneira muito divertida e compartilhada foi realizada, o mapa corporal. Nessa atividade foram utilizadas duas cartolinas, uma colada na outra, além de alguns lápis hidrocor. Antes de iniciar a aplicação da atividade, houve uma conversa com as crianças e foi pedido que prestassem bastante atenção nos comandos dados, em seguida foi explicado que todos iriam para o pátio e juntos iam fazer um mapa corporal. Uma das crianças foi escolhida para deitar nas cartolinas e depois as outras poderiam contornar o corpo da que estava deitada nas cartolinas, além disso, deveriam desenhar em seguida, os órgãos externos e roupas no desenho, e assim foi feito.



Figuras 6 e 7



Figura 8





Nessa atividade buscou-se aproximar as crianças dos seus próprios corpos e, ao mesmo tempo fazê-las ver a representação de “seus próprios” corpos através de um desenho construído por eles mesmos. Foi enfatizado aspectos práticos relacionados ao tema lateralidade, apresentando alguns órgãos que estavam do lado direito e os que estavam do lado esquerdo, também foram mostrados alguns órgãos que se posicionam na parte inferior do corpo e outros na parte superior e, ainda os que são centralizados em alguma parte do corpo, como também frente e atrás. Segundo Almeida (2014, p. 44), “a finalidade do mapa corporal é fazer com que, por meio da projeção de seu corpo no plano, o aluno obtenha uma representação de si mesmo em tamanho real e com identificação de seus lados”. Diante disso, podemos entender o valor de familiarizar tais informações com as crianças, considerando que seu movimento diário tem grande relação com tudo isso, seja em qual espaço ela estiver.

## **CONCLUSÕES**

O estágio em Educação infantil foi um período de imenso crescimento pessoal, acadêmico e profissional. Não se limitou a ser apenas uma carga horária cumprida, mas sim, uma experiência de profunda relação com o outro, valorização da infância e aprendizado com as peculiaridades próprias dessa fase da educação básica.

Por fim, concluiu-se que muitas vezes de maneira natural as crianças constroem noções de espaço, nas suas relações com o outro, com o mundo e as coisas do mundo, pude ver a facilidade, capacidade e agilidade que as mesmas têm em responder a comandos que são dados na hora de realizar atividades voltadas para a ampliação das noções espaciais. Consegui-se enxergar que elas não só estão em suas casas e na creche, mas que elas observam os espaços onde estão, mediante os mapas mentais das casas e da própria creche, eu pude compreender que a criança vive o espaço, mas também o percebe como lugar social de relações e limites, uma vez que as mesmas sabem representar esses ambientes e relatar os sentimentos afetivos que possuem com cada um desses lugares. Elas constroem noções de espacialidade mediante a brincadeira, mediante o desenho, o mapa, dinâmicas, conversas, pelo movimento livre, etc. Foi uma experiência única, por ter trazido sensações e respostas que não tínhamos antes.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL, Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. Ministério da Educação. 3ª Ed. Brasília. A Secretaria, 2001 p. 109 – 113.
- CASTROGIOVANNI, A. C. ; CALLAI, Helena Copetti ; KAERCHER, Nestor André . Ensino de Geografia práticas e textualizações no cotidiano. 11. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2014.
- ALMEIDA, R. D. Do Desenho ao Mapa: Iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2014.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

**www.coprecis.com.br**